O Livro da Sabedoria

Resumo: Este artigo apresenta uma visão geral do Livro da Sabedoria, justificando a possibilidade de situá-lo em uma determinada época e contexto histórico. Traz considerações sobre o autor e a importância da obra e discorre sobre a Sabedoria, figura principal dessa obra. Depois de oferecer uma estrutura literária do livro, faz um comentário sobre seus conteúdos e considera a importância da sabedoria no momento de transição em que vivemos.

Palavras-chave: Experiência, Metáfora, Sophia, Cultura, Justiça

Abstract: This article presents a general vision of the Book of Wisdom, verifying the possibility of placing it in a certain period and analysing its origin. It offers inquiries about the author and about the purpose and importance of the work. It connects with other biblical books that present the figure of Wisdom, the main figure of the work. After offering a literary structure of the book, comment on its contents and consider the importance of wisdom for the moment in which we live in search of paths of life.

Keywords: Experience, Metaphor, Sophia, Culture, Justice.

Introdução

Neste estudo sobre o Livro da Sabedoria buscarei, inicialmente, recolher alguns dados sobre o contexto deste escrito. Situar o livro da Sabedoria em seu contexto histórico me possibilitará fazer uma hermenêutica em perspectiva latino americana e caribenha. Dentre as várias possibilidades de datação, escolherei aquelas que têm sido mais aceitas entre os atuais estudiosos desse livro. Quero esclarecer também que minha postura de intérprete está condicionada e iluminada pelas minhas experiências pessoais. Leio o texto e seleciono dados a partir da minha vida de mulher que estuda a Bíblia com os pés e o coração no meio dos pobres. Portanto, minha aproximação do contexto histórico do livro da Sabedoria será realizada através do conteúdo do texto, de

informações da história antiga, da leitura de outros estudiosos deste livro e da minha experiência pessoal.

Nas últimas décadas, vem crescendo a consciência do impacto que a visão do leitor ou leitora tem sobre a compreensão de um texto. Esta visão é estimulada e até mesmo construída pelas vivências que marcam a história de cada pessoa. Considero meu longo período de convivência com as mulheres pobres da América Latina e Caribe como uma etapa de treinamento da subjetividade e da emoção, meios importantes para uma contínua aprendizagem. Elas me levaram a comprovar como a teologia cristã, de um modo geral, mantém engessado o discurso religioso, insistindo nas metáforas patriarcais e triunfalistas para falar sobre Deus.

Quando um texto bíblico apresenta uma metáfora bonita e atual para falar de Deus, como a da Sophia, os comentaristas se esquivam em apresentar toda a força e importância dessa figura. Consciente desta limitação, farei uma leitura interpretativa, analisando o Livro da Sabedoria não como um documento histórico, mas como uma artística e criativa reflexão teológica. Em seguida, apresentarei uma estrutura do texto, resumindo o conteúdo de cada parte. Este trabalho tem como objetivo oferecer informações que contribuam para uma leitura do livro da Sabedoria em perspectiva espiritual e libertadora, nutrindo a luta por justiça e dignidade dos povos oprimidos da América Latina e Caribe.

Contexto histórico

Há documentos históricos que mostram a presença dos judeus no Egito desde o século VI a.C., especialmente na ilha de Elephantina. Porém a história da comunidade judaica em Alexandria tem sido registrada a partir de Ptolomeo I (323-283). No período ptolomaico, os judeus de Alexandria tiveram uma situação privilegiada¹, já que por diversos motivos apoiaram a dominação grega. No entanto, na época de Augusto (27 a.C a 14 d.C.) esta condição especial dos judeus alexandrinos sofreu muitos reveses. Transparece no livro da Sabedoria uma preocupação do seu autor com a perseguição dos “pagãos” contra os judeus² (Sb 2,12-20); sua visão irônica da *pax romana*: (Sb 14,22) e sua crítica do culto

¹ Ainda que se encontrem registros de perseguições aos judeus de Alexandria no tempo de Ptolomeu VII (145-117 a.C.) e de Ptolomeu VIII (117-81 a.C.), de um modo geral os judeus de Alexandria tinham seus direitos respeitados, inclusive tinham a liberdade de manter suas tradições religiosas e culturais. Veja mais em José Vílchez Líndez, *Sabedoria*, São Paulo, Paulus, 1995, p.395-412 (Grande Comentário Bíblico).

² Em Sb 2,18, o ultrajado e torturado é chamado justo e “filho de Deus”, uma expressão que designa frequentemente Israel ou israelitas (Ex 4,22-23; Dt 14,1; Is 1,2; Os 11,1).

aos soberanos (Sb 14,17). Podemos subentender que a insistência do autor em defender os direitos civis dos judeus e sua crítica à idolatria dos governantes corruptos, idólatras e injustos situa o livro o livro da Sabedoria no cenário político de Augusto³.

Estas poucas informações sobre o contexto da comunidade judaica de Alexandria demonstram a difícil situação em que esta se encontra nas últimas décadas do Século I a.C. Neste contexto desafiador, os judeus de Alexandria oferecem ao mundo este apurado escrito, belo e ético, elaborado dentro das regras da retórica grega. O livro da Sabedoria é um exemplo de inculturação da fé judaica na cultura helenista de Alexandria, no limiar da era cristã.

Autoria

Seu autor deve ter sido mestre em um dos centros judeus de ensino em Alexandria; uma pessoa conhecedora da cultura helenista contemporânea; um sábio que se empenhava em demonstrar a importância dos princípios do judaísmo aos futuros mestres e intelectuais do seu povo. Convencido dos valores da sua fé e cultura, o autor busca elaborar um tratado de formação e informação que contribua para o discernimento da juventude atraída pela filosofia e mitologia gregas do seu ambiente.

Além disso, o autor parece ter consciência de que seus leitores e leitoras poderão ocupar funções importantes na sociedade e nas relações internacionais, garantindo o futuro do seu povo. Por isso, se esmera em apresentar os princípios fundamentais da cultura judaica e reler sua história com uma linguagem que possa ser entendida por todos, gerando identificação livre e responsável. Busca levar seus leitores a nutrir uma intimidade com a Sabedoria e a confrontar suas vidas e suas práticas com os princípios básicos do judaísmo.

Gênero literário

Em vez de gênero, seria mais interessante falar de estilo literário. Nesse sentido, há uma novidade especial no livro da Sabedoria: não repete provérbios populares, nascidos das experiências cotidianas e aplicados às diversas situações diárias, como fazem os escritos antigos. Escrito em grego, o livro da Sabedoria tece com arte seus conteúdos, usando estilos literários gregos e judaicos. Fiel às normas da retórica

³ São muitas as opiniões sobre a datação deste livro. Veja mais em José Vílchez Líndez, *o.c.* p.44-52 e também em Daniel Doré, *El libro de la Sabiduría de Salomón*, Estella (Navarra), Verbo Divino, 2003, p.3-5.

grega, o autor recorre ao *midrax* mais simplificado para iluminar com textos do Primeiro Testamento o momento histórico em que vive. E o faz dentro da visão judaico helenista dos membros da comunidade de Alexandria e do mundo grego romano.

Observa-se que o autor tem consciência de que seu escrito pode chegar a outras pessoas que não conhecem o judaísmo. Por isso, esmera-se em fazer-se entender por leitores de outras culturas e credos e, ao mesmo tempo, gerar admiração e adesão.

Fio condutor de todo o livro

A personagem central do livro é a Sophia ou Sabedoria personificada. A palavra *sophia* aparece três vezes na primeira parte do livro (1-5) vinte vezes na segunda parte (6-9) e seis vezes no restante do livro, onde, muitas vezes seu nome é substituído pelo pronome “ela” *haute*⁴. A Sabedoria é uma figura de mulher que busca os lugares públicos mais movimentados para transmitir sua mensagem: “Ela mesma vai por toda parte, procurando os que são dignos dela. Aparece a eles pelos caminhos e lhes vai ao encontro em cada um dos pensamentos deles” (Sb 6,16). Uma autora que vem pesquisando há décadas sobre a tradição da Sabedoria é Silvia Schroer. Ela afirma que “a tradição da *sophia* sempre foi um símbolo de crítica ao poder, voltada contra a arbitrariedade e a tirania”⁵.

Ney Brasil Pereira faz uma análise da figura da Sabedoria e sua natureza divina, mostrando que em Sb 6,12-16 a Sabedoria é apresentada como mulher que deve ser procurada e amada. Nova alusão ao “amor” e à “posse” da Sabedoria em 7,10, seguindo-se a exaltação dos seus dons, da sua natureza divina, ou quase divina (7,22-8,1). No cap.8, é visível o erotismo nos v.2.9.16.21, não só na relação do ser humano com ela, mas também na relação dela com o próprio Deus, que a ama e com quem ela “convive” esponsalmente (8,3). “É essa esponsal convivência com Deus que a torna onisciente e mediadora de todos os bens, sentada como está no trono divino (em grego *páredros*, conferir Sb 9,4), conceito que evoca os divinos casais das religiões politeístas. O indubitável monoteísmo do autor permite-lhe, porém, essa ousadia na linguagem, que evidentemente reflete seu ambiente cultural. No cap.10 é notável como a Sabedoria toma o lugar tradicional do nome

⁴ Há pelo menos sete repetições de *haute* no cap. 10.

⁵ Silvia Schroer, “Transformações na fé, Documentos de natureza intercultural na Bíblia”, em *Concilium*, vol. 251, Petrópolis, Vozes, 1994, p.20.

de Deus, como sujeito dos fatos salvíficos da história do seu povo: a Sabedoria é o Deus de Israel em figura feminina.”⁶

A figura da Sabedoria atravessa todo o livro, aparecendo no cap. 1 com muitos nomes; no cap. 7, ela é apresentada com cerca de vinte e cinco adjetivos. Nos cap. 10-13 ela aparece realizando as ações libertadoras que culminam no Êxodo e dão origem ao povo. Bem unida à figura da Sabedoria está a justiça, elas atuam juntas na história.⁷

Estrutura literária do livro da Sabedoria:

Uma divisão do livro em três partes é admitida pela maioria dos autores, porém há muitas discordâncias a respeito do começo e do final de cada uma. Apresentarei a seguir uma divisão que me parece muito boa e me permite ver melhor os conteúdos do livro:

- 1ª parte: a Sabedoria é fonte de felicidade e de imortalidade (Sb 1-5);
- 2ª parte: exaltação da Sabedoria e prece para obtê-la (Sb 6-9);
- 3ª parte: a Sabedoria e a justiça atuam na história (Sb 10-19).

A terceira parte subdivide-se em três temas:

Caps. 10-12: a Sabedoria salva os justos e castiga os injustos;

Caps. 13-15: a idolatria é caminho oposto ao da Sabedoria;

Caps. 16-19: memória da história do êxodo⁸.

A estrutura literária apresentada deixa transparecer claramente a importância da Sabedoria para a prática da justiça. Por isso, o autor do livro aconselha os governantes a pedi-la na oração (7,7) e abrirem-se à ela em suas inspirações (6,25). Esclarece também que a idolatria é o oposto da Sabedoria, porque ao manipular a divindade gera a injustiça e a alienação que corrompem o ser humano.

Conteúdos:

1ª parte: a Sabedoria é fonte de felicidade e de imortalidade (Sb 1-5).

A primeira parte é formada por uma longa instrução sobre a

⁶ Ney Brasil Pereira, *Livro da Sabedoria – Aos governantes, sobre a justiça*, São Leopoldo, Sinodal, Petrópolis, Vozes, 1999, p.38. (Comentário Bíblico do AT).

⁷ Veja investigação sobre a figura da Sabedoria em Mercedes Lopes, *A mulher sábia e a sabedoria mulher – símbolos de co-inspiração*, São Leopoldo, OIKOS, 2007.

⁸ *Sabedoria e poesia do povo de Deus*, Rio de Janeiro, Publicações CRB, São Paulo, Loyola, 1993, p.210 (Tua Palavra é Vida nº 4).

importância da justiça na construção da história (1,1-5,23). A inclusão inicial apresenta um apelo aos governantes para buscar a Deus e praticar a justiça: “Amái a justiça, vós que governais a terra” (v.1,1), “porque a justiça é imortal” (1,15). Tal introdução pode sugerir que este discurso esteja especificamente dirigido aos reis ou governantes, mas percebe-se nas entrelinhas que ele está aberto a todas as pessoas.

No cap. 2, para convencer os seus leitores sobre a importância da Sabedoria e da prática da justiça, o autor dá a palavra aos ímpios ou perversos, que raciocinam de maneira equivocada sobre o sentido da vida e o irremediável caminhar em direção à morte (2,1-20). Este capítulo é uma peça de retórica, elaborada em tom abatido e desesperado, onde os ímpios expressam o desejo de gozar a vida ao máximo, ridicularizando os justos e colocando-os à prova (2,18-20). E o cap. 2 termina com a condenação dos ímpios, indicando que “eles ignoram os segredos de Deus” (2,21-24). A seguir, apresenta nos capítulos 3-4 uma reflexão a partir de polaridades: morte e vida (3,1-12); esterilidade e fecundidade (3,16 – 4,6); vida breve e vida longa (4,7-19). Em meio a estas reflexões fica latente uma pergunta sobre o sentido da vida. Não importa o tempo de sua duração, o que importa é que seja intensa e cheia de sentido. De 4,20 – 5,23 temos o julgamento escatológico. Diante das catástrofes finais os ímpios então ficarão transtornados pelo medo e o arrependimento, enquanto os justos permanecerão de pé, em serena e confiante dignidade. Ao concluir esta primeira parte o autor faz uma alusão ao v.1,1, afirmando que “a iniquidade fará deserta a terra inteira e a malícia derribará dos tronos os poderosos” (5,23b).

2ª parte: exaltação da Sabedoria e prece para obtê-la (Sb 6-9).

A segunda parte começa com uma exortação para buscar a Sabedoria (6,1-11), apresentando uma bela motivação para essa busca. Segue-se uma descrição da Sabedoria, que se deixa encontrar facilmente por quem a procura. Agradável, ela mesma se coloca à procura de quem a deseja (6,12-21). O autor, que supostamente seria o rei Salomão, descreve a origem da Sabedoria, através de um diálogo com as religiões de mistérios, nas quais a religião era comunicada somente aos iniciados (6,22-25). Segue-se uma bonita defesa do princípio da igualdade entre os seres humanos, tanto ao nascer (7,1), como ao morrer (7,6), formando uma perícope impregnada de expressões da poética sapiencial sobre a gestação, a entrada e a saída na vida (7,1-6).

Em seguida, o autor mostra como Salomão pediu insistentemente

o dom da Sabedoria e esta lhe foi concedida (7,7-11). Insiste em que somente através da oração pode-se chegar ao caminho da Sabedoria e a falar bem sobre ela (7,15-16). Finalmente, faz um longo elogio da Sabedoria, descrevendo suas qualidades (7,22-24), sua origem (7,25-26) e suas obras (7,27-8,1). Conclui esta 2ª parte retomando a afirmação de que a Sabedoria é o desejo do sábio (8,2-15), e mostra sua ardente paixão por ela. Uma paixão que transparece em sua prece para obter a Sabedoria (9,9-18).

3ª parte: a Sabedoria e a justiça atuando na história (Sb 10-19).

Depois de apresentar as qualidades, a natureza e a importância da Sabedoria para a realização da justiça, o autor comprova seus elogios com dados históricos, tecidos engenhosamente para mostrar a atuação dela na história. Mantendo ocultos os nomes dos personagens, instiga o leitor ou leitora a desvendar esses nomes e acontecimentos ocultos em suas alusões enigmáticas. Quem conhece a história de Israel saberá identificar os fatos e os nomes dos personagens⁹. Quem não conhece, ficará motivado a fazer perguntas, a buscar saber algo mais sobre as ações enunciadas.

A seguir, apresentarei esta 3ª parte, através de uma subdivisão temática:

Caps. 10-12: a Sabedoria salva os justos e castiga os injustos.

Com sua misericordiosa atuação, a Sabedoria levantou o primeiro homem de sua queda, deixando-o intato para exercer a liberdade justa (10,1). Mas daquele que mata o irmão, do fraticida, ela se afasta (10,2). A terra foi inundada por culpa do injusto, mas a Sabedoria salvou a terra pilotando o justo numa frágil embarcação (10,4). Assim, por duas vezes a Sabedoria vem em defesa da vida. Salva a humanidade, levando o “primeiro homem” a levantar-se da queda e salva a terra, quanto esta foi inundada por culpa do “fratricida”. A Sabedoria que estava presente na criação do universo ao lado de Javé como artista do universo (Pr 8,22-31), manifesta-se, agora, salvadora da humanidade e da terra (10,1-4).

Observa-se a repetição da palavra “justo”, substituindo os nomes dos personagens históricos de Israel. Se, por um lado o autor mantém

⁹ Os personagens são sete, sempre acompanhados de pessoas ou grupos que lhes fazem contrastes: Adão, Noé com Caim; Abraão, Ló com os sodomitas; Jacó, com Labão e Esaú; José e seus traidores; Moisés e o povo perante o Faraó e os egípcios.

aqui a antítese justo/injusto, tão utilizada nas instruções sapienciais, por outro lado, parece esclarecer aos seus leitores quem é verdadeiramente justo, segundo seu parecer: são aquelas pessoas que superaram as dificuldades da vida, sobretudo a injustiça e a perseguição, deixando-se guiar pela Sabedoria. Na concepção do autor, justo não é somente um indivíduo, pode ser todo um povo (15,17-20).

Embora conheça muito bem a história do seu povo, o autor não está preocupado em contá-la inteira. O que ele pretende é mostrar aspectos da história de Israel que possam levar seus destinatários a reconhecerem as ações extraordinárias da Sabedoria na sua construção; quer mostrar, por exemplo, que a Sabedoria reconhece Abraão em meio à confusão de Babel. Ela possui o conhecimento divino que penetra os corações. Por isso, salva também Ló do fogo que destruiu as cidades da Pentápolis, tirando seus fiéis do apuro e mantendo-os íntegros (10,5-9)¹⁰. Ela conduz Jacó por caminhos planos e liberta José da morte. Em sua misericordiosa bondade, ela não o abandona, mas desce com ele até o calabouço, desmascarando os que lhe difamavam (10,10-14).

Foi ela que libertou o povo do cativeiro no Egito, conduzindo-o para a liberdade, com força e discernimento para resistir aos seus adversários e fazer caminho pelo deserto (10,15-11,3). Foi a Sabedoria que lhes deu água abundante e um alimento de acordo com o seu paladar (11,4-14). Ela castiga os inimigos do seu povo (egípcios e cananitas), porém o faz com moderação, porque ama a todos e a tudo o que criou, e seu espírito incorruptível está em tudo o que há criado (11,15-12,22). Mas, para quem persiste na injustiça, mesmo depois de ter reconhecido a presença libertadora de Deus na condução da história, como fez o Faraó, a condenação torna-se inevitável (12,23-27).

Caps. 13-15: a idolatria é caminho oposto ao da Sabedoria.

Nesta parte, encontramos uma extensa e detalhada crítica à idolatria, na qual se escutam vozes de profetas israelitas e também de tradições filosóficas greco-helenistas. Podemos ver aqui uma digressão do autor que tenta explicar a razão das pragas no Egito, antecedendo a libertação dos hebreus. Um tema que será abordado nos capítulos seguintes.

No cap. 13, o autor faz uma crítica geral à idolatria, em suas formas mais universais: a divinização da natureza e dos astros (13,1-9); os ídolos fabricados por mãos humanas (13,10-15, 17) e o culto aos

¹⁰ As expressões usadas nessa narração da história de Israel demonstram o uso de textos não canônicos, conhecidos na época, como por exemplo, os livros de Henoc.

animais (15,18-19). No cap. 14, faz considerações sobre a navegação (14,1-7), afirmando, alegoricamente, que a Sabedoria faz uma balsa de madeira flutuar sobre o mar (14,5) ¹¹. Apresenta em seguida uma reflexão sobre as origens e consequências da idolatria (14,12-21). Este é um tema importante na visão teológica do autor. Sua tese consiste em dois temas centrais: amar a justiça e pensar corretamente sobre Deus. Por isso, o tema do julgamento contra a idolatria torna-se relevante para ele. Não ser justo e nem conhecer a Deus tem consequências na vida, na história: A iniciativa de fabricar ídolos deu origem à infidelidade, sua prática corrompeu a vida (14,22-31).

No cap. 15 surge, inesperadamente, um Salmo em meio à reflexão. Com que finalidade? Parece que o autor sente necessidade de dar credibilidade a tudo o que vem refletindo. É a experiência de Deus que lhe dá autoridade para fazer teologia. Observo, porém, que o sujeito orante deste Salmo (15,1-5) é coletivo: “Mas tu, nosso Deus, és bom e verdadeiro” (15,1a). Isso pode indicar que a fé experimentada pelo autor nasce de uma experiência comunitária, da qual ele se sente participante. Foi na comunidade que ele chegou a conhecer a Divina Sabedoria que garante a justiça e caminha com seu povo.

Depois da interrupção para a oração do Salmo, o autor continua sua crítica à idolatria, agora sobre os ídolos de barro (15,7-13), retomando também sua condenação aos egípcios, interrompida no final do cap. 12. Transparece nestes textos finais uma forte rejeição ao Egito. Por trás dessas expressões de julgamento contra a perseguição dos egípcios aos hebreus no passado, talvez estejam presentes situações dolorosas de perseguições e sofrimentos do presente.

Caps. 16-19: memória da história do êxodo

No cap. 16, é retomada a história do êxodo, omitindo intencionalmente as falhas dos hebreus. O autor quer mostrar mais uma vez a proteção especial de Deus ao seu povo (os hebreus): enquanto pequenos animais (rãs) atormentam os egípcios, as codornizes saciam a fome e o apetite dos hebreus (16,1-4). O mesmo acontece com os gafanhotos, pois os egípcios morrem pelas picadas de gafanhotos e moscas (16,9), enquanto Deus salva a vida dos hebreus picados por serpentes venenosas (16,5-14). Granizo e fogo açoitam os egípcios, porém ao seu povo Deus envia do céu, de graça, “um pão de mil sabores, ao gosto de todos” (16,15-29).

¹¹ Esta é a última vez em que a Sabedoria é citada no livro.

O mesmo esquema continua no cap. 17, através da antítese entre trevas e coluna de fogo (17,1-18,4). Nesta perícope o autor utiliza os recursos de sua formação alexandrina. Sua imaginação e seu vocabulário formam aqui uma obra de arte muito interessante. Com inúmeros adjetivos ele faz uma análise das reações dos egípcios diante das trevas, criando uma alegoria que mostra a impossibilidade de comunicação e o medo produzidos pelas trevas = pecado, opressão, etc. O autor usa a figura das trevas para indicar a consciência acusadora dos egípcios (17,11). Em contrapartida, havia luz para os “santos”. Diante dessa luz eles davam graças e pediam perdão, colocando-se a caminho do desconhecido, em gloriosa migração (18,1-4).

Uma nova antítese é introduzida: o extermínio dos primogênitos no Egito e a morte do exército inimigo no mar (18,5-19). O tema é apresentado em 18,5 e, em seguida, desenvolvido com detalhes até culminar na libertação do povo hebreu (18,19). Mas, também a estes se abate a ameaça da morte, no deserto. Porém, Moisés intercede pelo povo em uma simbólica liturgia que congrega o mundo inteiro (18,20-25).

Chegamos, finalmente, ao final do livro com a sétima e última comparação: a passagem do mar vermelho. Para elaborá-la, o autor recolhe e relaciona diferentes tradições sobre a perseguição dos egípcios e a passagem dos hebreus para a liberdade. Usando com criatividade a técnica do *midrax*, o autor reinterpreta os acontecimentos do Êxodo, expressando sua visão teológica desses episódios (19,1-12). Seguem os vv.13-17. Ao ler esses versículos, percebe-se que formam uma unidade, mas não está claro o sentido desse texto e nem por que ele foi introduzido aqui.¹²

Em 19,18-21 encontra-se o anúncio de novo começo ou nova criação, em comparação com uma harmonia musical, onde os elementos da natureza fazem intercâmbio de funções. O autor faz uma comparação com a harpa, cujos sons mudam o tom da melodia. Na natureza, os elementos continuam os mesmos, mas algo novo está acontecendo. Só precisa ter olhar de Sabedoria para ver e ouvidos atentos para escutar. O v. 22 fecha a poema e todo o livro. É uma proclamação de confiança no futuro que brota da experiência de gratidão pela presença fiel e libertadora de Deus na história do povo.

¹² Na Bíblia de Jerusalém, em notas de rodapé sobre este texto (19,13-17) há indicações sobre os possíveis sentidos destes versículos.

Considerações finais

Na América Latina e Caribe, inserida pela mídia no Mercado Global, vivemos um processo acelerado de transição paradigmática. Em oposição ao pensamento único do Mercado, as comunidades pobres do nosso continente vivem uma diversificada recriação e defesa da vida a cada momento. A partir das suas antigas sabedorias elas vão desenhando um novo modelo de organização social. Esse novo modelo está se realizando através de inúmeros caminhos alternativos, motivados pela busca da justiça, da ética, em defesa da vida, em solidariedades frágeis, porém criativas.

Neste processo de transição, observa-se que aspectos predominantes do universo masculino, característicos da sociedade ocidental capitalista, como a exploração extrema da natureza, a lógica do mercado, a especulação econômica, etc., estão sendo pouco a pouco substituídos por uma nova sensibilidade e um novo jeito de viver que tem aspectos mais próprios do universo feminino, como a arte de tecer relações amáveis e prazerosas, a sensibilidade pelo sofrimento dos outros, o cuidado com as pessoas e a natureza, a arte, a estética, a alimentação, a dança.

Tudo isso tem a ver com a Sabedoria. Em seus discursos, no livro dos Provérbios, a Sabedoria afirma que sua missão é promover a justiça: “Eu caminho pela senda da justiça e ando pelas veredas do direito” (Pr 8,20). Este compromisso religioso de estabelecer e praticar a justiça e de cuidar da harmonia do universo possibilitou a aceitação da teologia da Sophia nos últimos anos do Primeiro Testamento, com suas múltiplas faces que retratam a mulher judia da vida real, as deusas do Antigo Isarael e o próprio Javé.

Neste tempo de transição, necessitamos de uma espiritualidade que nos ajude a crescer em humanidade e em contínuo processo de discernimento. “Mais do que nunca, precisamos ter sabedoria. Sabedoria para captar as transformações imprescindíveis. Sabedoria para definir a direção certa. Sabedoria para projetar o sonho que nos guiará. Sabedoria, enfim, para priorizar as ações concertadas que vão traduzir este sonho em realidade”¹³.

¹³ Leonardo Boff, *O despertar da águia – O dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade*, Petrópolis:, Vozes, 1998, p.26.

Bibliografia

- BOFF, Leonardo, *O despertar da águia – O dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade*, Petrópolis, Vozes, 1998.
- BRASIL PEREIRA, Ney, *Livro da Sabedoria – Aos governantes, sobre a justiça*, São Leopoldo, Sinodal, Petrópolis, Vozes, 1999, (Comentário Bíblico do AT).
- DORÉ, Daniel, *El libro de la Sabiduría de Salomón*, Estella (Navarra), Verbo Divino, 2003.
- LOPES, Mercedes, *A mulher sábia e a sabedoria mulher – símbolos de co-inspiração*, São Leopoldo, OIKOS, 2007.
- Sabedoria e poesia do povo de Deus*, Rio de Janeiro, Publicações CRB, São Paulo, Loyola, 1993, (Tua Palavra é Vida nº 4).
- SCHROER, Silvia, “Transformações na fé – Documentos de natureza intercultural na Bíblia”, em Revista *Concillium* 251, Petrópolis, Vozes, 1994, p.8-21.
- VÍLCHEZ LÍNDEZ, José, *Sabedoria*, São Paulo, Paulus, 1995, p.395-412 (Grande Comentário Bíblico).